



OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO RUMO À QUALIDADE DO ENSINO

**ELIANA APARECIDA RIBEIRO
MADALENA GONÇALVES DOS SANTOS**

Artigo apresentado à Faculdade Calafiori, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Especialista em Gestão Escolar.

Orientadora: Prof^ª. Esp. Sára Maria Caixeta de Oliveira

**São Sebastião do Paraíso
2014**

Educação não é obra de solista: ou se orchestra, ou não ocorre (BATISTA, CODO, 1999, 189).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 PERSPECTIVAS DE QUALIDADE DE ENSINO	4
3 O CENÁRIO DO ENSINO NO BRASIL	6
4 UMA EDUCAÇÃO INFANTIL DE QUALIDADE – CRITÉRIOS QUE CONTRIBUEM	7
4.1 SALA DE AULA.....	8
4.2 MODELO DIDÁTICO	8
4.3 PARTICIPAÇÃO FAMILIAR	9
4.4 FORMAÇÃO PROFISSIONAL	10
4.5 POLÍTICAS PÚBLICAS.....	10
5 A IMPORTÂNCIA DE UMA GESTÃO DEMOCRÁTICA NA CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE	11
CONSIDERAÇÕES FINAIS	12
REFERÊNCIAS.....	12

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO RUMO À QUALIDADE DO ENSINO

¹RIBEIRO, E. A.;

²SANTOS, M. G.;

³OLIVEIRA, S. M. C. de.

^{1,2}. Pós-graduandas em Gestão Escolar da faculdade Calafiori

³. Professora orientadora do curso de Gestão Escolar da Faculdade Calafiori

RESUMO

Este artigo teve como objetivo investigar os desafios e percursos pelos quais a Educação passa bem como avaliar os fatores que contribuem para o avanço da qualidade do ensino. Por meio de pesquisa bibliográfica, buscamos em grandes estudiosos os possíveis caminhos para compreendermos estes fatores que contribuem para o sucesso da Educação, questionando como o espaço, a formação profissional, as metodologias, a organização do tempo e do espaço, além de uma gestão democrática, influenciam diretamente no resultado da qualidade da educação que há tanto buscamos. Entender o processo e os fatores que colaboram para o avanço da qualidade em nosso sistema de ensino é o primeiro passo em direção à prática do sucesso da educação escolar brasileira.

Palavras-chave: Educação de qualidade, formação profissional, políticas públicas, metodologias, espaço estrutural, famílias na escola, gestão e qualidade de ensino.

ABSTRACT

This article, aims to investigate the challenges and pathways by which education happens and what factors contribute to the advancement of quality education. Through literature search, we will seek for great scholars to understand the possible ways that these factors contribute to the success of education, questioning how the space, training, methodologies, organization of time and space, and a democratic management, directly influence the outcome of education is there so much seek. Understand the process and the factors that contribute to the advancement of quality in our education system, is the first step toward the practical success of Brazilian education.

Keywords: Quality education, vocational training, public policies, methodologies, structural space, families in school, management and quality of education

1 INTRODUÇÃO

O termo “qualidade” enquadra-se em qualquer setor de nossa sociedade, em qualquer atividade na qual se queira alcançar um objetivo. Ao falarmos em educação, não poderia ser diferente. O Brasil é um país que não se destaca quando são realizadas avaliações externas cujo objetivo é demonstrar o desempenho educacional dos estudantes. Fator este que nos leva a refletir e questionar o que falta para melhorarmos nossos índices e consolidar uma verdadeira Educação de Qualidade. Seriam professores melhor preparados? Espaços modernizados, amplos, variados conforme a necessidade de cada região? Um currículo adaptado, reestruturado, que vá ao encontro das necessidades dos alunos? Investimento em tecnologia? Metodologias diferenciadas? Enfim, cremos que todos estes fatores contribuem para uma educação de qualidade e certamente contribuiriam para um avanço na qualidade do ensino brasileiro, todavia, chegaremos a um consenso sobre o que é educação de qualidade? Pode-se medir este critério ou ele é tão subjetivo que se resume a índices numéricos estipulados por convenções? A situação torna-se ainda mais complexa quando voltamos nossos olhos para a Educação Infantil e quando vemos que, apesar das determinações da LDB 9394/96, o Brasil ainda engatinha no que se refere a esta fase da Educação Básica e como ela ainda precisa de grandes investimentos e um olhar diferenciado para que, então, alcancemos todos os níveis em um alto grau de eficaz qualidade.

2 PERSPECTIVAS DE QUALIDADE DE ENSINO

Ao falarmos sobre qualidade no ensino, devemos entender que existem muitos significados e sentidos aplicados ao termo em questão, o que nos permite analisar o tema em forma de prisma, a fim de encontrarmos o conceito que melhor defina e responda aos nossos anseios.

Segundo Zabalza (1998), podemos destacar três tipos de conceitos de qualidade: “a qualidade vinculada a valores, a vinculada à afetividade e, por último, a vinculada à satisfação dos participantes no processo e dos usuários dos mesmos” (p. 31). A primeira se destaca pelos elementos que agregam valores vigentes à instituição, à

pessoa ou ao processo escolar; a segunda se refere à qualidade que alcança bons resultados finais e a terceira pode ser entendida ou vinculada à “qualidade de vida” e satisfação daquilo que se faz.

Todavia, torna-se subjetivo, em determinados momentos, considerarmos qualidade apenas um termo isolado do outro. Entendemos que se faz necessária uma parceria entre estes conceitos para que a ação seja completamente concretizada.

No cenário atual, percebemos (ao falarmos de Educação) que estas vertentes não são tão fáceis de serem encontradas juntas, sendo este um desafio à Educação brasileira que ainda tenta nortear seus passos, partindo do princípio de colocar todas as crianças dentro do ambiente escolar, considerando este - muitas e errôneas vezes – como o único lugar de aprendizado para nossas crianças.

Mas como garantir uma educação de qualidade agregando todos estes critérios quando voltamos nossos olhos à Educação Infantil? Vejamos o que Zabalza nos diz:

A Educação Infantil precisa enfrentar desafios de procura da qualidade que lhe são próprios [...]. Falar em valores, tanto em Educação Infantil como em qualquer outra etapa do processo educativo, é sempre algo complicado. Os valores não estão apenas nas declarações oficiais, ou nos pronunciamentos das leis. Os valores agem, quase sempre, como estruturas condensadas que condicionam todo o desenvolvimento das políticas educativas e dos programas concretos de ação. Por outro lado, os valores educativos nunca aparecem como estruturas abstratas às quais seria simples atribuir o mérito da sua “melhor” natureza diante das posições encontradas. Os valores não enfrentam os seus opostos já que nessa guerra as respostas seriam simples: não existe algo que seja o oposto a um valor, não existe, pelo menos, como opção selecionável em um programa educativo (a questão não está em se um processo educativo forma para a autonomia ou para dependência: saberíamos, imediatamente, que somente o primeiro é o valor e que a segunda opção não faz sentido do ponto de vista educativo) (ZABALZA, 1998, p. 38).

E, numa reflexão dialética, o autor acrescenta:

Pelo contrário, os próprios valores, quando associados às práticas concretas de ensino, oferecem alternativas válidas que se projetam em diferentes direções, algumas delas com as suas vantagens e

seus inconvenientes. Seja qual for a decisão adotada, estará apoiada por considerações axiológicas (de valor), mas terá, por sua vez, pontos fracos (será suscetível à críticas). Estando o valor fundamental reconhecido por todas as posições (a Educação Infantil constitui um recurso valioso para o desenvolvimento pessoal e social das crianças) as respostas práticas de concretização desse valor são diferentes. Todas elas tendo pontos fortes e pontos fracos (ZABALZA, 1998, p. 39).

Zabalza (1998) nos explica que não é somente na Educação Infantil que encontramos desafios, mas em qualquer etapa do ensino; há valores que se destacam e que também encontram oposições quanto à sua concretização. O autor nos leva a refletir sobre muitos dilemas encontrados, tais como: o cuidar e o educar, o sistema público e o privado, o direito de trabalho dos pais e atenção às crianças pequenas e, o que talvez fosse essencial, a ruptura dos parâmetros objetivos para alcançar estimativas mais qualitativas.

3 O CENÁRIO DO ENSINO NO BRASIL

Sabemos que as primeiras escolas no Brasil foram criadas pelos jesuítas em 1549, cuja função era missionária e voltada à elite nacional. Como apenas no século XVIII houve um interesse em atender à classe trabalhadora na Alemanha e na França, certamente os Estados Unidos e o Brasil não se colocariam de fora, visto que o movimento e ascensão da indústria era eminente e as mulheres cada vez mais ocupavam seu lugar no mercado de trabalho (LIBÂNEO, 2012). Criou-se, assim, um olhar voltado ao cuidado das crianças no período em que suas famílias não estivessem presentes, embora não constasse neste contexto o princípio da qualidade do tempo e do espaço no qual estas crianças ficariam.

Libâneo (2012) menciona que os acontecimentos políticos, sociais e econômicos em 1930 (crise do café, queda da bolsa de NY), foram responsáveis por imprimir um novo perfil à nossa sociedade brasileira, pois projetou o país ao desenvolvimento industrial, levando-o de elite agrária à industrial. Com Getúlio Vargas e o Estado Novo, foi discutida com mais afinco a questão da educação, uma vez que, desde 1946, na Constituição Federal, fora exigida a criação de uma Lei de Diretrizes e Bases, surgindo assim a 4.024/61, permitindo que cada Estado

organizasse seu sistema de ensino. Em seguida, a Lei nº 5.692/71 transferia aos municípios uma parte desta responsabilidade, principalmente no quesito administrativo do ensino. Foi a partir de 1980, devido ao cenário socioeconômico brasileiro, que surgiram mudanças no sentido educacional e abriram-se debates acerca da sua qualidade no Brasil e ampliação do atendimento escolar. Por fim, em 1996, com a LDB 9.394, definiram-se as questões educativas, de regulamentação e obrigatoriedade do ensino e as prioridades à educação básica na qual incorpora-se a Educação Infantil.

Embora a educação não se dê apenas no ambiente escolar, ela é fruto de ações políticas, sociais e econômicas que colaboram para a formalização deste processo. O autor menciona que:

Numa perspectiva crítica, a escola é vista como uma organização política, ideológica e cultural em que indivíduos e grupos de diferentes interesses, preferências, crenças, valores e percepções da realidade, mobilizam poderes e elaboram processos de negociação, pactos e enfrentamentos. Vale destacar, todavia, que ela não é o único espaço em que ocorre a educação. Esta já existia antes mesmo da existência da escola. [...] Como prática social, a educação é fenômeno essencialmente humano e, portanto, tem historicidade. A prática educativa envolve a presença de sujeitos que ensinam e aprendem ao mesmo tempo, de conteúdos (objeto de conhecimento a ser aprendidos), objetivos, métodos e técnicas coerentes com os objetivos desejados. Desse modo, ela pode configurar-se na articulação de aspectos contraditórios, como opressão e democracia, intolerância e paciência, autoritarismo e respeito, conservadorismo e transformação, sem nunca ser, porém, neutra (LIBÂNEO, 2012, p. 235).

4 UMA EDUCAÇÃO INFANTIL DE QUALIDADE – CRITÉRIOS QUE CONTRIBUEM

Sabemos que não há uma receita pronta que nos permita alcançar resultados rápidos, eficazes e que se encaixem nas singularidades de cada unidade escolar. Todavia, Zabalza elenca várias situações que contribuem para que o aprendizado aconteça de maneira mais fácil e nas quais todos desfrutem dos benefícios por elas apresentados. Vejamos.

4.1 SALA DE AULA

Zabalba (1998) menciona que o espaço estrutural, o mobiliário, a quantidade de material utilizável proporcionam segurança ao aluno, flexibilidade ao professor no momento de tornar suas aulas mais atrativas. Se o aluno possui espaço para se movimentar, para explorar, se o material é próprio para as atividades propostas e se todos estão confortáveis, com boa iluminação e ventilação, o corpo humano se sente melhor, o que contribui para o aprendizado (necessidades fisiológicas estão relacionadas ao aprendizado).

O autor no trecho abaixo reforça a ideia de que para que o processo educativo se concretize, os métodos e metodologias utilizados pelo professor também perpassam pelo espaço organizado e são de grande importância.

Outro fator que condiciona a organização dos espaços em uma sala de aula infantil é o modelo de trabalho que se pretenda realizar. A relação entre os espaços e as atividades que forem desenvolvidas é bidirecional; poderemos fazer algumas coisas ou outras dependendo da organização e do equipamento dos espaços, mas podemos dizer o mesmo na ordem inversa. Dependendo do enfoque educativo, tomaremos as decisões e faremos as disposições dentro de nossas salas de aula. A ideia da qual qualquer professor de educação infantil deve partir é a de que os espaços fazem parte do seu projeto educativo e, portanto, da mesma maneira que assumir um modelo de educação significa priorizar alguns objetivos sobre os outros, algumas formas de trabalho sobre as outras, alguns materiais sobre os outros e etc., o nosso modelo didático deverá condicionar a forma em que nos dispusermos, equiparmos, e utilizarmos os espaços da sala de aula. (ZABALZA, 1998, p. 254).

4.2 MODELO DIDÁTICO

Para Zabalza (1998), os cantos, os jogos, brinquedos e brincadeiras, as oficinas, os projetos, as unidades didáticas dispostas no currículo, o planejamento, são todos essenciais para que o professor direcione seu trabalho de maneira organizada e, ao mesmo tempo, variada, enquanto verifica as dificuldades individuais e coletivas dos alunos. A partir do momento que o mesmo tem opções para propiciar ao aluno a melhor maneira para que ele entenda o conceito aplicado,

a criança pode, de maneira autônoma, avançar na construção do conhecimento com seus próprios passos, pois estará amparada caso necessite de intervenção do professor.

Um dos grandes objetivos da educação nestes primeiros anos é a aquisição de estratégias cognitivas que permitam à criança abordar de maneira autônoma as novas aprendizagens. Justamente por isso, torna-se cada vez mais necessária a criação de “cenários estimulantes”, que convidem a criança a aprender, a descobrir, a pesquisar. Por isso, ao planejar cada novo projeto de trabalho, centro de interesse ou unidade didática, devemos pensar em como vamos estabelecer e organizar os espaços de modo a que se transformem no ambiente adequado e facilitador daquilo que pretendemos fazer, mantendo-se ao mesmo tempo, como uma estrutura de estímulos e oportunidades de expansão da experiência para as crianças (ZABALZA, 1998, p. 255).

4.3 PARTICIPAÇÃO FAMILIAR

É conhecida a importância da família na formação tanto física, emocional, social da criança. Notamos também que, no que se refere à participação familiar, não poderia ser diferente. A presença do responsável na escola oferece segurança, um conhecimento real da situação educacional dos filhos e permite que o professor observe outros aspectos que interferem no dia a dia da criança e que são de grande importância para o seu desenvolvimento como um todo. A família se sente cada vez mais segura, a criança percebe que aquilo que faz na escola repercute em seu lar e torna-se melhor amparada quando o lar é uma continuação da escola no sentido de aprender, mesmo que não de uma maneira formal.

Esse tipo de participação enriquece o trabalho educativo que é o desenvolvido na escola (a presença de pessoas adultas permite organizar atividades mais ricas e desenvolver uma atenção mais personalizada com as crianças), enriquece os próprios pais e mães (vão sendo conhecidos aspectos do desenvolvimento infantil, descobrindo características formativas em matérias e experiências, inclusive o jogo, conhecendo melhor os filhos, aprendendo questões relacionadas com a forma de educar) e enriquece a própria ação educativa que as famílias desenvolvem depois em suas casas. Também os professores(as) aprendem muito com a presença dos pais e das mães, ao ver como eles enfrentam os dilemas básicos da relação com as crianças pequenas (ZABALZA, 1998, p. 255).

Notamos que, se a família está presente, ambas as partes são beneficiadas no processo. Um investimento essencial para o bom desempenho e eficácia do ensino.

4.4 FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Um bom profissional não se dá da noite para o dia. Com a rapidez das mudanças tecnológicas e das pesquisas científicas, não há quem não perca em não se atualizar. Uma boa experiência, rica e diversificada, momentos de estudo e discussão, participação em palestras, cursos e debates educacionais, também são fatores que preparam o professor frente às singularidades encontradas em cada aluno. Ao estudarmos Macedo, notamos que, segundo ele, a competência do profissional é tão importante quanto os meios e os recursos de que este dispõe em sua prática.

Uma coisa é o professor aprendendo, refletindo em um contexto de formação continuada com seus colegas e formadores, pesquisando na internet, estudando um texto, preparando uma aula; outra coisa é ele dando aula e aprendendo durante ela ou em função dela (MACEDO, 2005, p. 50).

4.5 POLÍTICAS PÚBLICAS

Sem certos investimentos, sejam eles financeiros, legislativos, práticos, não há como se concretizar nenhuma ação pedagógica. Tal afirmação é verdadeira, tendo em vista que as leis são feitas visando ao andamento e ao cumprimento de ações que foram planejadas pensando na melhoria de um problema previamente diagnosticado.

5 A IMPORTÂNCIA DE UMA GESTÃO DEMOCRÁTICA NA CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

Todos que acompanham o processo escolar de maneira ativa, seja na liderança, na coordenação ou na atuação direta com os alunos, gerem o ensino e são por ele responsáveis. Todavia, há requisitos que tornam o processo gestor – que visa a um ensino de qualidade – mais real e acessível. A escola que possui um bom Projeto Político-Pedagógico, elaborado com participação de todos, já conta com um norteador facilitador de seu trabalho. Quando sua equipe entende o que se busca, os caminhos para alcançar os objetivos e quais as ações para colocá-lo em prática, reduz-se o desgaste e os empecilhos do percurso. Mas uma escola não é feita apenas de situações administrativas, mas de relações interpessoais que estão a todo tempo presentes e que muitas vezes determinam o andamento da rotina e das ações escolares, por isso todo gestor deve organizar-se e buscar meios de orientar o trabalho pessoal com sua equipe de maneira ética e flexível, todavia hierárquica e responsável. Mas até que ponto o gestor é o responsável pela garantia da qualidade do ensino, uma vez que ela perpassa não somente o administrativo mas também o humano?

Vejamos o que nos diz Libâneo a respeito destas relações:

Certos princípios e métodos da organização escolar originam-se de experiência administrativa em geral; todavia, têm características muito diferentes das das empresas industriais, comerciais e de serviços. Por exemplo: seus objetivos dirigem-se para a educação e a formação de pessoas; seu processo de trabalho tem natureza iminentemente interativa, com forte presença das relações interpessoais; o desempenho das práticas educativas implica uma ação coletiva de profissionais; o grupo de profissionais tem níveis muito semelhantes de qualificação, perdendo relevância das relações hierárquicas; os resultados do processo educativos são de natureza muito mais qualitativa que quantitativa, os alunos são, ao mesmo tempo, usuários de um serviço e membros da organização escolar. Estas características determinam formas muito peculiares de conceber as práticas de organização e de gestão escolares, ainda mais quando se considera que tais práticas se revestem de caráter genuinamente pedagógico (LIBÂNEO, 2012, p. 435 – 436).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando olhamos para o cenário educacional brasileiro, notamos quão grande é a necessidade de profissionais bem preparados, com formação continuada, de investimento maciço em estrutura física e material, da presença dos pais no ambiente escolar acompanhando de perto a vida de seus filhos, de um currículo que atenda verdadeiramente o cuidar e o educar, enfim, inúmeros quesitos que juntos, talvez não garantam, mas auxiliem e deem suporte a uma educação de qualidade. Talvez não tenhamos uma fórmula pronta para o sucesso, mas sem dúvidas se unirmos esses critérios, que muitas vezes são precários em alguns pontos dentro da ampla proposta nacional de Educação, consigamos avançar não apenas em números, mas de forma verdadeira e de maneira real no crescimento de nossos alunos. Discursos rebuscados, cursos que não vêm de encontro às necessidades atuais dos educadores, famílias distantes do contexto escolar de seus filhos não contribuem em nada para a ascensão da educação.

Portanto, devemos estar atentos ao espaço que nos compete enquanto educadores em nossas salas de aulas e nos prontificarmos a lutar, a inovar, a propor e a incentivar nossos alunos a construir, pesquisar e ao mesmo tempo oferecer suporte para que estes galguem os patamares das fases do ensino, alcançando com veemência o sucesso em seus estudos e sua formação intelectual.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, A. S.; CODO, W. **A centralidade de gestão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- CRAYD, C. K, G. E. **Educação Infantil: Pra quê te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996.
- LIBÂNEO, J. C. (Org). **Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização**. São Paulo: Cortez, 2012
- MACEDO, L. de. **Ensaio Pedagógicos. : como construir uma escola para todos?**. Porto Alegre: Artmed, 2005
- ZABALZA, M. A. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.